LISBOA — QUARTA-FEIRA, 24 DE AGOSTO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 120 — 10 CENTAVOS
Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE
Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO
Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

O GOVERNO, como dissémos, ficou habilitado pela lei dos duodécimos, a cobrar integralmente em ouro ou escudos ao cambio do dia, os direitos aduaneiros. Contra isto, a Associação Comercial resolveu protestar.

Será atendida?

Tudo leva a crêr que o governo não faça uzo nem abuzo de tal habilitação, tanto mais que, em tal caso, a vitima directa não seria o comercio, mas o consumidor. Este tem a seu favor seis milhões de vozes.

* * *

O SR. ministro da Instrução foi hoje procurado por uma comissão de fornecedores da Escola Normal de Bemfica, que lhe pediu que seja satisfeito um pagamento de fornecimentos, de importancia superior a cem contos.

O sr. Ginestal Machado declarou que não havia verba, mas que se esforçaria por obtê-la o mais rápidamente possivel.

* * *

O SR. Eduardo de Sousa que ainda se não esqueceu de ter sido deputado nem tão pouco perdeu a esperança de fazer parte do futuro Parlamento, fez hoje romaria aos ministerios, onde se interessou por assuntos que constituem aspirações dos eleitores do seu circulo.

* * *

CERTOS elementos da Guarda Republicana, que por infelicidade vão crescendo em numero, estão figurando, muito mais do que seria para desejar, nos relatos de zaragatas que as gazetas diáriamente inserem.

Há certos impulsos de mocidade estouvada, que não ficam bem fóra da caserna, e que é indispensável reprimir, para socego do publico e para prestigio da própria corporação.

A G. N. R., corpo de tropas organizado para assegurar a ordem, não deve perfilhar—e não perfilha, felizmente, na sua maioria—o critério louco de que é preciso provocar, ela própria, a desordem, para descobrir pretextos de manter a ordem.

* * *

AS propostas do sr. ministro das Finanças, á medida que vão sendo estudadas, levantam animosidades, provocam objecções. Vê-se, no entanto, que a ideia dum sacrificio imposto ao contribuinte não dá origem só a protestos. Assim, a Associação Comercial, em representação dirigida ao Parlamento, diz estar conforme com a verba de 16:500 contos de contribuição industrial, consignada no orçamento apresentado á Camara dos Deputados. O que não quer é o sistema perigoso dos coeficientes. Os comerciantes pagarão o que se lhes pede, mas com a condição de ainda por cima os não submeterem a vexames. Estes não são muito exigentes—o que merece louvores.

* * *

O INTERESSANTE artigo — *As nossas estradas*, que ontem publicámos, na segunda página do *Diário de Lisboa*, por um descuido da revisão, saiu sem o nome do seu autor, que é o sr. Alvaro Neto, comerciante e industrial, homem de gôsto, um estudioso e *sportsman* apaixonado.

GEMIDOS NA SOLIDÃO

O Seculo é um jornal cheio de piedade por todos os que sofrem, acolhendo-os com mão caritativa e muitas palavrinhas de afecto.

Algumas das suas paginas teem o aspecto daqueles campos dolorosos que Dante encontrou no *Inferno* os quais soltavam gritos e ais, sem que fosse possivel ver as bocas que os interjecionavam e os olhos que os choravam.

Português que tenha uma dôr, um simples queixume, uma revolta ou uma injustiça para comunicar ao grande publico amargurado procura *O Seculo* que misericordiosamente espalha pelo paiz, com fonte nas suas colunas, os varios braços deste rio de tristezás.

Há pessoas que antigamente seringavam os seus parentes e os seus amigos com as historias da sua vida—ladainhas aborrecidas que punham em fuga todas as possiveis vitimas de tão infinda furia de narrar e massar.

O Seculo agora deu-lhes campo, horisontes, quasi um scenario historico, melhorando assim a atmosfera dos lares, mas enevoando a do paiz.

Portugal inteiro, neste momento, despeja, no nosso enternecido colega, documentos varios da mais agoniada escriptomania.

Nunca, porem, o humano sofrimento conseguiu ser mais eloquente que hoje, num artigosinho intitulado — *Cambios*. Como os leitores sabem, existem duas especies assás distintas que se detestam, mas sem desejar suprimir-se—os *altistas* e os *baixistas*. Quando uns choram, os outros riem. Para aqueles encherem as algibeiras, tem estes que as despejar. Pertencem ambos á categoria dos jogadores, porque se servem dos cambios como os batoteiros da roleta ou da banca francesa.

Merecem até igual castigo—serem expostos á publica irrisão, no mesmo pelourinho, mas com as costas voltadas uns para os outros, para assim imaginarem que ainda na adversidade recebem paga diferente.

Quando há tempos o escudo principiou a valorizar-se, os *altistas*, com a mira no lucro, venderam todo o *papel* que tinham e mesmo o que não tinham. (Confissão do *Seculo*). Mas como na jogatina nunca há firmesa, ultimamente, para desgraça de nós todos, deu-se a inversa—valorização da libra e desvalorização do escudo.

Está proxima a liquidação do fim do mês, o que quer dizer que os *altistas* que venderam mesmo o *papel* que não tinham, —chama-se a isto jogar a *descoberto*— veem-se agora na iminencia de ter de se explicar com as diferenças. Quer dizer—venderam, por exemplo, libras que não tinham a 30$00 cada, contando adquiri-las, no fim do praso estipulado, a menor preço. Eis, porem, que o Diabo que anda sempre metido nestes negocios, lhes escangalhou a *vidinha*, atirando com o cambio para a casa dos seis. Para se livrarem da rascada—libras a 49$00—tem de pagar a diferença entre este preço e aquele.

Um recurso lhes restava ainda—que fosse aprovada a proposta sobre cambiais que o sr. ministro das finanças levou ao Parlamento a qual proíbe, com efeito retroactivo, as operações a praso. Se, porventura, esta esperança lhes fugir, tão inclitos patriotas, caidos nas próprias ratoeiras que ajudaram a armar, teem de arrancar como outrora Jeremias—gemidos na solidão.

Valha-lhes, sr. ministro das finanças!

Compenetre-se bem do significado destas palavras do *Seculo* ácerca dos novos *infelizes*:

«Batoteiros? Batoteiros, sim, mas cheios de fé nos destinos da sua patria! Cheios de confiança na obra positiva do governo, dedicaram-se de alma, vida e coração a essa obra de ressurgimento nacional, para o bem estar de toda a gente, e foram tomar posição na barricada legal que se opunha aos exploradores».

Com tais serviços, quem não terá pena destes martires do azar?

O AZ

(Do «The Tatler»)

O felizardo: — Côrto!
O parceiro da direita: — Ao menos resta-me a consolação de ser feliz nos amores

ABANDONARÁ o sr. Sousa da Camara a pasta da Agricultura?

E' cedo para responder com precisão a esta pregunta, se bem que alguns factos recentes quási demonstrem que o sr. Sousa da Camara se afastará do ministerio tão silenciosamente como se aproximou. Hoje, por exemplo, calafetou-se no seu gabinete e declarou aos continuos que não estava—nem para parlamentares.

Alguem comentava, no corredor:

—O Sousa da Camara está a pôr os papeis em ordem—de marcha...

* * *

O SR. dr. António Granjo conferenciou hoje, demoradamente, com o sr. ministro da Justiça.

* * *

SEGUNDO telegramas hoje recebidos no ministerio das Colónias, o candidato mais votado na eleição de Moçambique foi o sr. Delfim Costa, democrático.

* * *

PENSA-SE em autorizar a exportação de madeiras, que não façam falta ás necessidades do paiz. Tambem vae ser permitida a exportação de certos mineraes, com isenção de sobretaxa.

* * *

REUNE ámanhã, pelas 14 horas, o Conselho Superior de Agricultura, para apreciar um projecto de alteração do regulamento da fiscalização de vinhos, no sentido de se fixar a graduação do vinho e de se exercer á sua entrada na cidade uma rigorosa fiscalização.

* * *

O DEPUTADO sr. Joaquim Brandão espera obter do Senado a aprovação do projecto que eleva á categoria de central o liceu de Setubal, que no próximo ano lectivo já funcionará como tal.

* * *

A COMISSÃO de finanças do Senado já distribuiu o relatorio do projecto de lei aprovado na Camara dos Deputados, pelo qual é autorisado o governo a estabelecer novo contracto com a Companhia dos Tabacos para aumento dos preços de algumas marcas da extinta Régie. Esse aumento fará entrar nos cofres do Estado um rendimento superior a 4:000 contos, produzindo em compensação uma consideravel diminuição de cédulas no orçamento diario dos fumadores...

* * *

TOMOU hoje posse do seu lugar de senador por Cabo Verde o sr. Vera Cruz.

* * *

OS ataques dos parlamentares a membros do governo devem ser feitos em linguagem que não desprestigie quem os profere nem agrida aqueles que por dever de oficio são obrigados a ouvi-los.

* * *

Pelo «Deseade» são ámanhã expedidas malas postais para a Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás 12 horas a ultima tiragem da Caixa Geral e fechando ás 10 os registos.

CARTA DE PARIS

OS VINHOS LICOROSOS DE PORTUGAL

A influencia politica dos falsificadores de Cette provoca o descredito dos vinhos do Porto e Madeira

A questão dos vinhos licorosos não se complica nem se resolve. Mantém-se. Fala-se muito, trabalha-se mais e... espera-se com paciencia. E' o problema do dia, é mesmo o problema do mais alto interesse para os interesses de Portugal.

Procurei entrar um pouco no assunto, ouvindo os homens com mais autoridade, folheando relatórios, boletins e jornaes. E tenho agora a certeza absoluta de que a questão dos vinhos é uma questão de «chantage» provocada pelos meios eleitoraes do Sul da França, lesados com o próximo desaparecimento da industria dos vinhos de imitação, industria que tem por quartel-general—digamos assim—a cidade de Cètte. Os eleitores fazem pressão sobre os deputados regionaes que, por sua vez, informam o ministro do Comercio, mostrando-lhe com pessimismo a gravidade da situação.

Que dizem os falsificadores? Que não há necessidade de abrir a porta aos vinhos licorosos e de luxo, pois que o vinho ordinário francez não se vende; que a ultima colheita foi de 60 milhões de hectolitros e que dois terços da produção se encontram ainda nas adegas, estando próxima a nova colheita. Mas os importadores dizem que a produção nacional dos vinhos licorosos é insignificante e que os estrangeiros não vêm estabelecer concorrencia. Portanto, que se lhes dê liberdade, que entrem.

Há, pois, um litigio de carácter comercial, que já estaria resolvido há muito se a politica não estivesse trabalhando com um desassombro que se nota com muita facilidade.

O sr. ministro do Comercio—o caso não corre pela pasta dos Estrangeiros—é um dos bons amigos de Portugal e manifestou-me o melhor desejo de poder chegar a um acôrdo favorável para o seu paiz e para nós. Os portuguezes que têm acompanhado a questão não põem em duvida a sinceridade do sr. Dior. Confesso que vim do ministerio com uma excelente impressão sobre o homem a quem compete resolver um problema de certa gravidade, problema dificil ou impossivel quási de resolver com o apoio unanime das partes em litigio. Sua Ex.ª não quer dizer mais do que já disse; interessa-se pelo caso, ouve uns e outros e ouve todos os dias. Incontestavelmente, o grupo de falsificadores é o que manifesta mais arte para ferir a corda patriótica, colocando o governo entre a espada e a parede. Todavia, estes industriaes esquecem-se de acrescentar que se os vinhos licorosos se vendem mal é porque até agora os vendiam sob as designações de «Porto» e «Madeira», contra o que Portugal se tem insurgido. E nesta campanha, justa e cerrada, a Camara de Comercio continua a desempenhar um papel que merece a simpatia de todos nós. Porque a grande e triste verdade é esta: a França vende 90 % dos vinhos licorosos que não produz nem importa!... Como? Fabricando, quero dizer, imitando e falsificando. E estamos perante uma força industrial que faz tremer pelo capital de que dispõe, pelo desenvolvimento que adquiriu e pelo pezo que marca na balança politica. Constatemos estes três factos, que nos devem acompanhar em todos os trabalhos de investigação.

* * *

Fui á Camara Portugueza de Comercio que, diga-se de passagem, tem sido incansavel nas «démarches» para a solução do problema e que, presentemente, organiza o muzeu das imitações e falsificações dos nossos vinhos, tendo chegado já á conclusão de que 95 % dos falsificadores são francezes e 5 % são espanhoes. E' um trabalho interessantissimo e digno de elogio, porque denota a força de patriotismo com que tem sido encaminhado, procurando-se defender os interesses do paiz e não os interesses pessoaes.

Recebeu-me o sr. Luiz Cierco, que está exercendo funções de presidente e pessoa da estima e respeito de toda a colónia, a quem se deve o desenvolvimento da mesma Camara.

—O que pensa sobre a entrada dos nossos vinhos? Póde dizer-me alguma coisa?

—Em virtude da crise económica da França e do exagero dos direitos alfandegários, tenho a impressão de que a entrada dos nossos vinhos licorosos não dará o resultado imediato, que se julga em Portugal. Durante dois ou três mezes, assistiremos á chegada de vapores carregados de vinho que será, talvez, vendido com certa dificuldade. Mais tarde, porém, logo que a crise se normalize, os vinhos vender-se-hão melhor, como sempre aconteceu. Seja como fôr, com grandes ou pequenos resultados, o que convém é a abertura imediata por reciprocidade, como já se fez em Portugal, em Novembro do ano passado. Porque o facto traz uma vantagem incontestavel: preparar o terreno para o desenvolvimento do mercado.

—Falou-me de reciprocidade...

—Sim. Acho injusto que Portugal tenha levantado as barreiras aduaneiras quando a França, até agora, ainda o não fez, esquecendo-se de que ambos os paizes tomaram parte na conferencia económica de Bruxelas, tomando esta resolução assim como muitas outras. Fômos leaes e de muito boa fé; e a situação que se atravessa neste momento deve-se á nossa imprudencia».

Esta declaração do sr. Luiz Cierco deve merecer o nosso reparo, porque joga com o que se diz nos grandes meios comerciaes com interesses ligados a Portugal. Querem saber o que dizem os altos negociantes francezes? Que só se consegue alguma coisa desde que voltemos ao regime anterior, isto é, á proibição absoluta da importação dos artigos francezes em Portugal. Seria uma medida talvez um pouco violenta, mas não deixava de ser a unica maneira de se conseguir o que se quer.

* * *

Preguntei depois ao sr. vice-presidente se a Camara de Comercio tinha alguns interesses particulares ligados á questão dos vinhos, facto que me havia constado na cidade do Porto. Fiz esta pregunta com certa delicadeza, por não ser muito agradavel. O sr. Luiz Cierco compreendeu-me e pôz logo á minha disposição toda a correspondencia e mais documentos de que eu necessitasse para verificar que o alto interesse da Camara é o interesse nacional. E disse-me:

—Até hoje, tem-se pedido a importação para vinhos licorosos e não para vinhos regionaes, «démarche» que muitos negociantes ainda não compreenderam. Se ámanhã, em Portugal, as autoridades comerciaes entenderem o contrário, faremos o contrário. Os nossos estatutos não consentem que zelemos pelos negócios de A ou de B; nunca o fizémos e nunca o faremos. Tanto nos interessa a região do norte como a região do sul. Uma Camara de Comercio não póde fazer negócios nem proteger, particularmente, nenhum dos seus membros. Peço-lhe que frise bem este facto».

Por ahi, é preciso que se preste justiça a quem trabalha e que todos se lembrem que os portuguezes no estrangeiro são sempre amigos da sua terra—trabalhando por ela, desinteressadamente. Quando longe da pátria, há sempre uma força estranha que nos impele a defendê-la, a erguer bastante o seu nome, muitas vezes com grande sacrificio pessoal; quando a sentimos perto de nós, quando estamos bem no seu intimo, já não sômos assim.

* * *

Depois de ouvir a Camara de Comercio, interroguei alguns compatriotas interessados e não interessados na importação dos vinhos.

Quiz mesmo interrogar o sr. João Chagas, que não dorme sobre o projecto. Mas o nosso ministro tambem nada acrescenta ao que já disse. Assim me constou, de fonte segura; portanto, desisti.

Em geral, os portuguezes dizem: «esperar, esperar é o remedio». Alguns, porém, revoltam-se contra o nosso ministro dos Negócios Estrangeiros e gritam: «Sim, quando o sr. Melo Barreto se resolver...»

Ora não posso acreditar que o sr. Melo Barreto seja acusado de responsabilidades que, a meu ver, não tem, ou melhor, que tenha entravado, por birra ou por exigencia, o futuro dos vinhos licorosos. E' um pessimismo pouco lógico.

Ainda fui ao Consulado, para ouvir o sr. dr. Armando Navarro, cuja opinião tem pezo e oferece confiança. E' pessoa que se não deve esquecer: é um erudito e um conselheiro sensato. O nosso consul não estava, mas colhi a informação de que concorda com todos os trabalhos da Camara de Comercio.

Por verdadeiro acaso, encontrei nos «boulevards» o sr. António Bettencourt da Camara, um dos maiores e mais considerados negociantes de vinhos da Madeira e director da «Companhia dos Vinhos e Azeites».

—Perdôe V. Ex.ª uma pregunta... seu jornalista, etc... que pensa dos vinhos licorosos de Portugal?, etc.

—Nada lhe posso dizer de agradavel, porque não creio que cheguemos a um acôrdo imediato. Quanto mais tempo o mercado estiver fechado mais se agrava e dificulta a venda dos nossos vinhos, porque o consumidor vae perdendo o gôsto pelas marcas de origem, passando a fazer uzo de outra bebida. E é este o grande mal, que muita gente não vê. Compreendeu onde quero chegar?

O sr. Bettencourt da Camara nota que fiquei um pouco hesitante, e explica-me:

«O gôsto pelos vinhos do «Porto» e «Madeira» desenvolveu-se durante a guerra. Então exportávamos bastante e, por vezes, bebida da mais acreditada. O consumo tornou-se grande e o publico em geral apreciou os nossos licorosos, pagando-os por alto preço. Estávamos bem lançados, quando nos fecharam as portas. O vinho autentico começou a desaparecer, não sei mesmo se ainda existe muito, e as fábricas de Cette inundaram cafés e «restaurants». Mantêm um preço elevado mas—coitados!—não podem apresentar a mesma qualidade. Ora o publico dos nossos vinhos que é um publico muito especial, salvo raras excepções, já se sente ludibriado e, pouco a pouco, começa a mudar de aperitivo. Ora para recuperar o terreno perdido, que dinheirão que não será preciso gastar em réclame? E quem o gasta? O caso é muito sério. Eis tudo o que lhe posso dizer».

Fiquemos por aqui. Não desejo dizer coisas da minha cabeça, limitando-me a reproduzir a opinião dos outros, até me entranhar mais no assunto. Realmente as coisas não se complicam, mas mantêm-se no mesmo pé.

Carlos Alberto Ferreira.

MAGAZINE

União "sagrada"

Chateaurénard é uma cidadesinha do sul da França, que fornece de frutas e hortaliças não só as cidades circumvizinhas mas Paris, Londres, Bruxelas e Viena.

Com a guerra, a regularidade das suas transacções foi alterada; agora vae voltando aos antigos hábitos.

E' costume realizar-se na cidade a festa anual da «Carroça da Madalena», em que são colocadas todas as variedades de frutas e hortaliças e a que puxam sessenta cavalos.

A festa é organizada por duas comissões eleitas anualmente pela confraria de Chateaurénard, e acaba por um abundante banquete.

Em 1905, a politica interveiu no assunto; e como as duas comissões eram de opiniões diferentes, emquanto o padre abençoava, a pedido duma, uma filarmónica tocava a «Internacional» a pedido da outra.

Os habitantes, porém, mais ajuizados que os dos grandes centros, chegaram a um acôrdo; e desde 1908 que as duas comissões satisfazem a sua politica, aceitando a benção do padre, tocando a «Marselheza» e tocando a «Internacional», cada coisa por sua vez.

Literatura da Academia

Quem seria o espirituoso que enviou a carta de candidatura de Madame Aurel á Academia Franceza?

Porque a noticia, dada com todo o réclame que merecia, proveiu duma carta de qualquer engraçado, que causou mais admiração do que a ninguem, á própria Madame Aurel.

E' bastante estranho, com efeito, que uma candidatura desta responsabilidade exija tão poucas formalidades, para ser assim falsificada por qualquer.

A propósito de cartas de candidatura conta Bergeret, ácêrca da sua:

—Tinha escrito a minha carta com muita simplicidade e comoção. Em todo o caso julguei bom ir mostrá-la a dois imortaes, meus padrinhos nessa ocasião. Acharam-na horrivel, tive que a tornar a escrever três ou quatro vezes. No fim, quando a deram por boa, fui a verificá-la e encontrei-lhe só cinco erros de gramática. Um por cada linha...

A lingua diplomatica

Correu o boato alarmante para a França e para nós, latinos, de que na conferencia de Washington a unica lingua admitida nas discussões e nos textos seria a inglesa.

A lingua inglesa foi pela primeira vez usada, como lingua diplomatica, no tratado de Versailles, sendo usada nos documentos a par da francesa.

Substituir definitivamente a lingua francesa pela inglesa, seria acabar com um uso secular sem razão nenhuma que não fosse a de satisfazer um falso orgulho, pois a lingua francesa, uma das mais ricas e das mais claras, tem sobre a inglesa uma superioridade sob todos os pontos de vista, que não permite sequer compará-las.

A Academia Francesa e todas as agremiações intelectuais da França apressaram-se a reclamar, mas estamos no periodo internacional dos boatos falsos: a noticia foi desmentida.

Com a candidatura de Madame Aurel são dois desmentidos num lapso de tempo muito curto.

ELECTRICIDADE PORTATIL
Luzes de bolso!!!

Lapadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.
EFEITO SURPREENDENTE!
Descontos aos revendedores
Remete-se para a provincia
CASA TRIUNFO
R. Augusta, 72, 74
LISBOA

UM GRANDE ESCRITOR DO PAÍS VIZINHO

A obra de José Francés a favor de Portugal

A publicação de "El ano artistico de 1920" e as referencias aos modernos caricaturistas portugueses — Stuart Carvalhais, Jorge Barradas e Rocha Vieira no "El mundo rie"

A FORMOSISSIMA NOVELA "LA MUJER DE NADIE"

José Francés, fecundo e admiravel escritor espanhol, cronista e novelista, e a um tempo critico de Arte de notavel e profunda envergadura, atirou para o amplo mercado espanhol do livro e da beleza o seu volume anual *El año artistico*.

O volume interessantissimo e edificante, que trata de toda a manifestação artistica da formosa Espanha durante 1920, alude com certo desenvolvimento á Exposição do ano passado realizada em Lisboa, dos Humoristas espanhois e portugueses. Devemos já dizê-lo: José Francés é seguramente o homem dado a arte e a letras, a jornalismo e a manifestações de belesa escrita que mais consideração e devoção tem tido pelas cousas portuguesas.

Em regra, todo o bom espanhol é amigo de Portugal, diplomaticamente, em expressões elegantes de frase e de sentido, nos seus artigos a proposito de qualquer coisa, e nos brindes entusiasticos ao cabo de um repasto onde portugueses e espanhois se elogiaram mutuamente e animaram de promessas de futuro. *Musica, tuda musica*, como diria aquele velho Don Diego de que nos fala uma obra teatral dos Quintero.

José Francés realiza, como pode, praticamente, a aproximação artistica hispano-lusitana, e colabora, sempre que se lhe oferece ocasião, no conhecimento mutuo que os peninsulares devem ter uns dos outros, esse conhecimento de virtudes, vicios até, nomes, processos e revelações que são mais alguma cousa do que o cansado chá do intercambio... que cada vez sobe mais para longe na escala da aproximação.

José Francés corresponde-se regularmente com alguns artistas e jornalistas portugueses—o que é raro nos espanhois de selecção—e já no seu livro «El Mundo rie» oferecia na compendiação caricatural de 1920, alguns exemplos do feitio português, na reprodução de caricaturas do *Riso da Vitoria*, de *A Patria*, do *A B C* e do *Seculo comico*, com os nomes de Barradas, Stuart e Rocha Vieira, em confronto e camaradagem com os maiores e mais celebres caricaturistas de todo o mundo, cujos nomes é desnecessario citar.

Não seria talvez favor extremo, mas tanto andamos no esquecimento dos visinhos que a citação do ilustre e distintissimo critico veste o aspecto de gentileza.

José Frances

Agora, no *El Año Artistico*, que é uma pequena biblia da arte espanhola contemporanea, José Francés esmalta o mês de Agosto com um desenvolvimento grande do Salon de Humoristas hispano-português do teatro de S. Carlos.

José Francés dedica quatro paginas de boa prosa a Portugal, aos escritores e artistas portugueses, e tem a certa altura a seguinte frase: «Los españoles nos quejamos de que Francia nos ignora, y nosotros ignoramos a Portugal», que é, até certo ponto, um brado de consciencia e um desafio aos seus compatriotas para que nos olhem com um pouco mais de atenção. Diz mais o notavel escritor, que traduzimos:

«Portugal, como nós espanhois em relação á França, tem posto em nós as suas tendencias de amor. Todo o espanhol tem um eco simpatico em Portugal. Na sciencia, artes, letras são mais conhecidos em Portugal do que talvez em Espanha. Os seus escritores, os seus artistas sentem atravez o profundo orgulho de si proprios, a força fecunda do iberismo da raça, que nós outros, espanhois, tambem sentimos. Durante esse lamentavel periodo de decadencia que caracterizou todos os aspectos sociais do ultimo terço do seculo 19 em Espanha, a Espanha surda, muda, inactiva, desconheceu mais do que nunca o renascimento esplendoroso da vida portuguesa...»

José Francés alude entusiasticamente aos nossos escritores e artistas do seculo passado, ainda vivos gloriosamente ou já mortos, e entra então na analise dos artistas da caricatura moderna, dando o nome de quantos estiveram presentes no Salon dos Humoristas de 1920, destacando, com justiça, os nomes de Barradas, Stuart, Americo Nunes e Antonio Soares.

Logo José Francés transcreve as criticas ou impressões do jornalismo português sobre a representação espanhola, e nesse apanhado de cronicas se encontram os nomes de Joaquim Manso, Armando Ferreira, Mario Salgueiro, Mario Domingues, Eduardo Noronha, Correia Marques, e o meu proprio nome tirado dos tres artigos escritos no jornal *A Manhã*.

* * *

José Francés, cuja obra literaria e jornalistica é das mais elegantes e proveitosas do ultimo ciclo da pujante e gloriosa literatura espanhola, que é das mais firmes e poderosas literaturas de todo o mundo de hoje; José Francés publicou há poucos meses dois volumes de prosa, que temos neste momento á vista, com sua comovida dedicatoria sobre a nossa mesa de trabalho, *El Muerto* (contos) e *La mujer de nadie* (novela). Este ultimo, que é uma segunda edição é uma impressionante e formosissima obra literaria, «criada al margen del arte, pero en contacto com los artistas», e na qual a riqueza da expressão e a delicadeza do sentimento, uma coloração pagã, ora ruidosa ora harmonica, das formas, atinge uma beleza rarissima no genero tão exgotado e sempre lindo da novela. *La Mujer de nadie*—diz o autor no prologo—«foi imaginada e encaminhada diante de um unico modelo feminino: o dessa pobre mulher que quiz ser boa e não a deixaram, que quiz ser feliz e não poude, que amava todos e a quem ninguem teve verdadeiro amor».

A homenagem que os portugueses que escrevem e que os artistas novos podem prestar a José Francés é, por agora, ler a sua obra, aproveitar o seu esforço em prol do conhecimento mutuo dos dois paizes e—mais tarde—traduzir os seus volumes, propagar as suas selecções.

Norberto de Araujo

LABORATORIOS DE FARMACIA
INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

Dores
Dores de cabeça
Dores nevralgicas
Dores rheumaticas
etc., etc.

Curam-se em curtos momentos com

QUINOPYRINA

Sem perturbação para o coração, nem fadiga para o estomago ou rins

Farmacias LISBOA—R. Nova do Almada, 88
PORTO—R. dos Clerigos, 36

SOCIEDADE "ESTORIL"

Leilão

Em 25 do corrente ás 11 horas, por intermedio do agente Julio Cruz, na estação de Cais do Sodré, Lisboa, em virtude do artigo 112 da Tarifa Geral, proceder-se-ha á venda em hasta publica de todas as remessas incursas nos respectivos prazos, bem como de outros volumes não reclamados.

Avisam-se portanto os respectivos consignatarios de que poderão ainda retiral-os pagando o seu débito á Sociedade «Estoril», para o que deverão dirigir-se á repartição da exploração, na sua séde, Cais do Sodré, 52, 2.º, todos os dias uteis, até ao dia 24 do corrente.

Neste mesmo dia, ás 17 horas, efectua-se tambem na estação de Parede a venda de dois wagons com toros de choupo, remessas n.os 15.197 e 15.211, de Coimbra a Parede, á consignação dos srs. Silvas Moreira Ltd., morador em Vilela.

Lisboa, 15 de Agosto de 1921.

O Director da Exploração,
M. Bello.

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

A "Judia"

Alcobaça é uma vila encantadora, calada e fresca; só de longe em longe a ingenuidade provinciana das suas casas brancas é cortada por uma construção amaneirada, «ao gosto de Lisboa», por um que outro «chalet» azul com torreões, coroado de complicações em ferro e telha.

O coração da vila é o Mosteiro, cujas pedras muitas vezes seculares se tingiram de tradição e de lenda.

Hoje em dia, o vasto casario de que S. Bernardo traçou a planta, e onde chegaram a albergar-se 999 monges, está retalhado em repartições publicas, prisões, quarteis, e ainda deu para um teatro e varias casas particulares! Numa destas, cujas salas nada perderam da gravidade conventual, instalou uma senhora de Alcobaça, ha 8 anos, um asilo modelar para doze velhos invalidos. Tendo enviuvado, entendeu que a sua vida e a sua fortuna não podiam ter outro emprego; e poz na realização desse empreendimento o tesouro inesgotavel da sua caridade, dando ao asilo todo o aspecto de um lar. Comia com os seus velhinhos, ameigava-os, tratava-os, levando aos corações octogenarios o supremo bem de uma ternura que, tantas vezes, a vida nunca até então lhes dera.

Passei umas horas no asilo.

A sua benemerita fundadora, morta ha pouco, deixou no testamento todas as disposições necessarias para que a sua obra lhe sobrevivesse. E a amiga e companheira de toda a vida continua-lhe o bondoso sacerdocio, até que a comissão encarregada...

No jardim cheio de todo o sossego dos jardins monasticos, estavam alguns dos asilados. Beijados pelo sol, irrepreensivelmente vestidos, aqueles vultos dobrados para o chão tinham no olhar embaciado reflexos de melancolia e de paz.

Num banco, arrimada a um pau esguio, uma velhita mirrada, aconchegada num chale, parecia absorvida a olhar, no chão, a sombra esburacada e movédiça das arvores.

Falamos-lhe. Abriu num sorriso lindo as suas gengivas sem dentes. E a pouco e pouco, na sua voz de creança timida, foi-nos contando coisas... Ainda se lembrava dos frades no Mosteiro.

—Era cada «grosso»!—dizia ela.

Foi costureira; mas sempre foi amiga de brincar; e então de dançar gostava muito!

—Vocemecê era amiga de pregar partidas, não era?

Ela encolheu os ombros pequenissimos, e confessou baixinho:

—Até me chamavam a judia...

—E era casada?

—Duas vezes... O primeiro foi talhado por Deus, mas o segundo pelo demonio. Não que me désse pancadas... Nem m'as ofereceu; mas era mortinho pela bebida!

Alguem, riu-se.

—A menina ri-se? Pois não se ria, que se não tivesse vindo para aqui ainda eu lá ia outra vez...

Mais adiante, falou-se na Senhora. E' assim que os velhos tratam a alma bemfazeja a que tanto devem. Relembrou-se a sua bondade, a sua dolorosa morte... A cara da judia *crispou-se toda. Pelas rugas que 102 anos—a* Judia *tem 102 anos!—cavaram no pergaminho da face, algumas lagrimas desceram, cristalinas como se fossem de olhos moços. A* Judia *ainda tem ilusões; ainda sabe chorar. Um seculo de existencia não lhe apagou a suprema mocidade!*

Tomás Ribeiro Colaço

Interesses açoreanos

Uma conferencia do tenente sr. Machado Toledo na Associação de Lojistas

Realiza-se no proximo sabado, 27 do corrente, pelas 21 horas, na Associação de Lojistas de Lisboa, Avenida da Liberdade, 19, 1.º, uma conferencia publica sobre interesses dos Açôres, especializando a Ilha Terceira. E' conferente o tenente sr. Machado Toledo, que convidou já o governo a fazer-se representar, assim como a tal convida os parlamentares pelo circulo de Angra e toda a imprensa.

Está convidada a presidir uma alta personalidade.

GRANDE VARIEDADE DE Bilhetes, fracções e cautelas para todas as
GAMA
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais $15 para registo
Telefone: 1:020 — CENTRAL
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51—LISBOA

NA ORDEM DO DIA

A NOMEAÇÃO DE CONTRACTADOS PARA PROFESSORES ORDINARIOS DA FACULDADE DE LETRAS DO PORTO É ILEGAL?

O que nos diz o presidente da Associação Academica da Faculdade de Letras de Lisboa

O que farão os srs. Homem Cristo e Antonio Luiz Gomes por não terem passado á efectividade?

O *Diario do Governo* publicou ante-ontem um decreto pelo qual foram nomeados professores ordinarios da Faculdade de Letras do Porto cinco dos seus antigos professores contractados. Por nos constar que esse decreto não foi bem recebido nos meios escolares, quizemos ouvir a opinião de alguem que traduzisse o pensamento academico, esclarecendo-nos alguns pontos da questão que se está levantando á volta daquelas nomeações. O sr. Artur de Oliveira Ramos, aluno da Faculdade de Letras e presidente da sua associação academica, declarou-nos o seguinte:

—O aspecto juridico da questão tem a maxima importancia e sobre ele deve incidir a nossa primeira apreciação. O problema briga com muitas disposições da lei e os argumentos para invalidar, por ilegal, aquele diploma multiplicam-se de tal modo, que me limitarei apenas a apresentar os mais importantes. A lei n.º 861, que indiscutivelmente e lei do paiz, aceitou como novo processo de recrutamento dos professores ordinarios universitarios o processo estabelecido no § unico do artigo 3.º dessa lei: «Os professores contratados e que sejam nacionais, quando tenham professado pelo menos dois anos, poderão ser nomeados professores ordinaris, sob proposta do reitor, com voto favoravel e nominal da maioria do Conselho da Faculdade respectiva e com previo conhecimento de um relatorio elaborado pela competente secção sobre os seus meritos».

—E não foi assim que se fizeram as nomeações?

—Já vai ver. A questão anda toda á volta deste artigo. A Faculdade de Letras do Porto foi criada com uma organização semelhante ás de Lisboa e Coimbra. O corpo docente dessa nova Faculdade foi posteriormente constituido por tres professores ordinarios da secção de filosofia e onze professores contratados de todas as secções. Estes contratos eram por dois anos, os quais terminaram para todos os contratados em 31 de Julho passado. E assim, satisfaziam as condições de tempo exigidas por lei para o caso de passarem a professores ordinarios. Desses onze professores, porem, dois não tinham chegado a entrar em exercicio, pelo que, conformando-se com a informação da Direcção Geral do Ensino Superior, o ministro da instrução determinou que fossem considerados caducos esses contratos. Mas os nove restantes professores, estavam todos na mesma situação legal para os efeitos da sua nomeação.

—E de que modo deu o ministro execução a essa disposição da lei?

—Sobre o oficio do reitor da Universidade do Porto ao Director Geral do Ensino Superior, pedindo que determinasse a «forma por que que se devem cumprir as disposições da ultima parte do § unico do art. 3.º», informou aquela repartição, afirmando taxativamente a «impossibilidade absoluta e manifesta de ser cumprida a lei», pelo facto de não haver as competentes secções que haviam de elaborar o relatorio sobre o merito dos candidatos e pondo em duvida se o § unico do art. 3.º se devia considerar em vigor pelo facto de não ter sido ainda regulamentado. De resto, a propria informação da Direcção Geral tem um erro. Mas a sua orientação geral é boa, embora nela se pudesse ter afirmado expressamente, que o § unico do art. 3.º não tinha vitalidade juridica por falta de regulamentação necessaria.

—Qual era então a maneira de resolver o problema?

—Diante de um caso destes, varias soluções se apresentavam, sem ferir o prestigio moral e intelectual das Universidades, nem contrariar disposições legais. E o ministro da instrução, ou mandava renovar os contratos áqueles professores, até que a disposição do § unico do art. 3.º fosse alterada pelas vias legais competentes, o que era uma solução legal perfeita, ou mandava abrir concursos por provas publicas, que é a regra geral de recrutamento dos professores ordinarios das Universidades.

—Não procedeu então o ministro conforme a lei dispõe?

—Não. Preferiu dar-lhe uma solução fundamentalmente ilegal. E partindo do principio que cumpria assegurar os direitos dos professores contratados, o que é muito controvertido em materia juridica —mas dada a impossibilidade manifesta e reconhecida da aplicação do § unico do art. 3.º, o ministro da instrução, cria um novo processo de recrutamento dos professores ordinarios das Universidades, em oposição absoluta á letra e ao espirito da lei, á sombra da qual ele pretende defender o seu ponto de vista.

«E invocando o disposto no art. 2.º da lei de 861—continua o sr. Oliveira Ramos —pelo qual se dispõe que o juri para concurso de professores ordinarios seja nomeado pelo governo, entre os professores das tres Universidades, determina que o Conselho da Faculdade de Letras do Porto seja composto pelos tres professores ordinarios desta Faculdade, por tres professores da Faculdade de Letras de Lisboa e por um professor da Faculdade de Letras de Coimbra, para o efeito da apreciação do merito de cinco professores contratados da Faculdade do Porto. E' injustificavel este despacho que o ministro teve a cautela de manter secreto, como de resto todo o processo, até ante-ontem. Pretendeu, com ele, regulamentar a lei? De certo que não, pela razão simples de que um despacho não é um regulamento. E como se justifica que esse despacho crie um novo processo de recrutamento de professores universitarios, alterando por completo a letra e adulterando o espirito do § unico da lei 861?

Em que disposição legal se funda o ministro para compôr daquele modo arbitrario o Conselho da Faculdade de Letras do Porto, ou ignora o disposto no art. 26.º do Estatuto de 1918 em que se estabelece que os concelhos das Faculdades são constituidos pelos respectivos professores ordinarios? E para quê estabelecer a paridade entre o concurso e a apreciação de muitos e determinados individuos? Pois não são duas ideias que se excluem? Ou quereria o ministro fazer acreditar que o que tinha estabelecido era um concurso documental?

E o sr. Oliveira Ramos concluiu assim:

—O ministro estabeleceu um criterio, o de antiquidade, com se ele fosse um criterio selecionador de competencias. Mas se se preguntar em que disposição legal se baseou o ministro para assegurar apenas os direitos de uns, saltando por cima dos direitos dos outros, não teremos resposta, pelo visto. Eu não sei o que pensam fazer os antigos professores contratados Homem Cristo, Antonio Luiz Gomes, Augusto Nobre, Teixeira Rego—que não passaram á efectividade. O que lhe posso dizer é que outros interessados vão recorrer pelas vias legais competentes contra tão grande ilegalidade.

UMA REPRESENTAÇAO

O estado em que se encontram os monumentos nacionais

O Gremio Tecnico Português representa ao ministro da instrução, no sentido de conservar e defender o nosso patrimonio artistico

O Gremio Tecnico Português, que se está interessando vivamente pela conservação dos monumentos nacionais, apresentou hoje ao sr. ministro da instrução publica a seguinte representação:

Sr. ministro da instrução publica:—Desejando o Gremio Tecnico Português contribuir, quanto lhe fôr possivel, para a disciplina intelectual da sociedade portuguesa, vem submeter á esclarecida apreciação de v. ex.ª as considerações que lhe sugere o estado em que se encontram os nossos monumentos nacionais, os quais exigem medidas de ordem moral e material, para evitar o seu completo abandono.

A propriedade edificada representa no nosso país, como v. ex.ª sabe, aproximadamente a terça parte da riqueza total da nação, avultando nela grandemente esse nosso patrimonio de arte, evidenciando padrões da nossa civilização e mantendo inextinguiveis as paginas brilhantes da nossa historia.

E', portanto, absolutamente indispensavel dedicar a este magno assunto toda a nossa atenção e meticuloso estudo.

Os arquitectos portugueses saberão corresponder brilhantemente a tão elevada missão, lançando-se apaixonadamente na defesa do nosso tesouro artistico.

Não será possivel, infelizmente, pelas actuais circunstancias economicas do Estado, proceder á restauração dos monumentos nacionais, mas a sua conservação, pelo menos, impõe-se como dever indeclinavel.

Para conseguir este fim julgamos indispensavel entregar esses serviços a uma unica entidade que seria o Ministro da Instrução Publica, de que v. ex.ª é ilustre titular, livrando-os da complexidade burocratica que os têm espalhado por diversos ministerios, concorrendo assim para o lamentavel abandono a que têm sido votados.

E' este um dos pontos que conviria imitar o que se faz no estrangeiro, onde os monumentos historicos são objecto dos mais carinhosos cuidados, o que além de representar um dever patriotico, concorre mesmo para o desenvolvimento do turismo.

Consideramos pois inadiavel a revisão do actual inventario dos monumentos nacionais, que conviria tornar conhecida do grande publico, em publicação ilustrada, onde se fizesse a sua descrição e se esclarecesse quais as rasões, que levaram a sua inclusão no aludido inventario.

Contribuir-se-ia deste modo para espalhar no nosso meio o gosto artistico e o respeito pela sagrada herança que os nossos maiores nos legaram, chamando ao mesmo tempo a atenção para algumas joias artisticas ignoradas nos recantos da provincia e que é urgentemente mister adicionar a esse inventario.

Recentemente ainda o caso do arco pequeno de Almedina, em Coimbra, veio interessar a opinião publica, conseguindo-se desta vez óbstar a que se cometesse mais um acto de vandalismo.

Se a classificação total dos monumentos estivesse feita em todo o territorio nacional, em bases bem definidas, ninguem se atreveria a tocar criminosamente nesse precioso padrão arquitectonico.

O empenho que mostrâmos em se cuidar dos nossos monumentos traduz apenas a patriotica aspiração de vermos realizado um acto de elementar, mas honrada e conscienciosa administração.

E, nestes termos, o Gremio Tecnico Português, certo de ser bem acolhido, oferece a v. ex.ª toda a sua cooperação, e apresenta os protestos da sua mais elevada consideração. — *A Direcção.*

João Camoezas

A bordo do paquete alemão *Winfred*, seguiu hoje para Loanda, o deputado sr. dr. João Camoezas, director do nosso presado colega *A Democracia*. Muitos amigos pessoaes e politicos do sr. dr. João Camoezas, que deve regressar a Lisboa em Outubro próximo, foram a bordo desejar-lhe boa viagem.

LUDOVICE, LIMITADA
Rua da Madalena 36, 2.º
TEL. C. 3379
Secção fiscal
Contribuições
Serviços fiscais
e Administrativos

A CIDADE

AO ABRIR DA SESSÃO

O ministro da agricultura ameaça abandonar o ministerio

A ordem do dia para hoje—A interpelação do sr. Americo Olavo—Os deputados que teem a palavra sobre a questão cerealifera

Entramos hoje — se houver sessão (é sempre bom dizer isto) — no terceiro dia de debate sobre a proposta do regime cerealifero, tendo já falado uma meia duzia de oradores e estando na meza quatro moções de ordem e três contra-projectos. Com vista a quem julgar que a discussão não dará para longos dias—se houver «quorum» que resista.

Pessoa muito chegada ao sr. ministro da Agricultura, a quem interrogámos ácêrca dos boatos que correm, do breve abandono da referida pasta pelo sr. Sousa da Camara, respondeu-nos há pouco:

—Se não lhe votarem depressa as medidas que ele julga indispensaveis, a fim de garantir pão para o mez que vem, certamente deixa o governo. E' que para Setembro já não há trigos.

Durante a análise dos diversos oradores á proposta do sr. Sousa da Camara, o sr. Vasconcelos e Sá, sempre muito atento, tem tirado grande numero de apontamentos, devendo ainda, portanto, voltar a fazer uso da palavra, como declarou que talvez fizesse.

A ordem do dia para hoje é a seguinte: 1.ª parte: discussão da proposta de lei n.º 1, do sr. ministro das Finanças, sobre contribuição predial e industrial rustica; 2.ª parte: continuação do debate da questão cerealifera, e interpelação do sr. Americo Olavo ao sr. presidente do governo, ácêrca dos acontecimentos eleitoraes na Ilha da Madeira.

E' certo que a interpelação do sr. Americo Olavo ao sr. presidente do ministerio, está marcada para hoje, mas como figura em ultimo lugar da segunda parte da ordem, ou esta será alterada, ou aquela será adiada.

Vinte minutos antes das 13, quando ainda na sala não se encontra nenhum dos srs. deputados, entra o sr. ministro do interior, que se dirige para o seu lugar, tirando da pasta, e verificando com grande atenção, alguns documentos. Em seguida demora-se a escrever.

Um quarto para as 13, comparece o deputado liberal sr. Antonio Francisco Portas. Hoje não traz flor na lapela. Dez para as 13, entram os srs. Plinio Silva e Costa Amorim, democraticos. O sr. Plinio Silva inscreve-se para antes da ordem do dia.

A' hora regimental tambem já se encontram no hemiciclo os srs. Paulo Menano, Antonio Mantas, Francisco José Pereira, Brito Guimarães, Almeida Ribeiro, Carlos Nobre, Ferreira de Mira, Vasco Borges, e Fernando Brederode.

Logo poucos minutos depois chegam mais alguns, entre os quais o sr. Jorge Nunes, que assume a presidencia.

Feita a chamada, das 13,5 ás 13,15, lê-se a acta dos trabalhos de ontem e o expediente.

Tambem devem falar sobre a questão cerealifera os srs. Aboim Inglês e Francisco Cruz.

UM PROBLEMA HUMANO

HISTORIA DE UMA BAILARINA QUE DEIXOU O SEU PAIS VINDO CAÍR NO TORVELINHO DAS AMBIÇÕES QUE A GUERRA DESPERTOU

Duas preguntas: A civilisação é um bem ou um mal? A natureza redime ou cativa?

O livro "Dans les griffes de la civilisation", do escritor armenio Armen Ohanian, que se publicou em Paris

Armen Ohanian, escritor armenio, curiosidade asiática vagabundeando pelo ocidente, publicou há tempos, em Paris, um livro—*Dans les griffes de la Civilisation*, que é a continuação dum outro, prefaciado por Anatole France, intitulado—*La danseuse de Shamakha*. Ocupa-se da história duma bailarina que, atraida pelo prodigio da nossa civilização, deixou o seu paiz e veiu, deslumbrada e sonhadora, caír no torvelinho de desejos, apetites e ambições que a guerra despertou e que os primeiros mezes da paz exasperaram até ao delirio.

—«Shamakha, cidade sumptuosa dos Khans tártaros, jardins adormecidos sob a sombra acalentadora dos choupos, luas ebrias sobre lagos imoveis, palácios bárbaros talhados na rocha, luzes inquietas no alto azul. Foi lá que eu nasci, do mais casto dos ventres».

Trata-se duma creaturinha amorosa de tudo o que a vida tem de belo, nobre, gracioso e frágil que, na casa paterna, sente a nostalgia das terras desconhecidas—o velho instinto dos seus antepassados que, já nas páginas da Biblia, divagavam ao sabôr da sua inspiração por montes e vales. Um dia abalou. A França, a Inglaterra e a Itália seduziam-na. Como anunciar-se? Como triunfar ou, pelo menos, não passar desapercebida?

Com a sua arte hierática de dansarina. Julgava-se sacerdotisa dum novo culto: urgia propagá-lo. Antes de partir invocou as suas predecessoras:

—«Bailarinas de Shamakha, pequenos idolos misteriosos, rebeldes, amantes e solitários! Sob o escudo da vossa graça insubmissa, eu aparecia tambem nos palácios e nas choupanas, nas tabernas e nos bazares, de pés nus, guizo nos artelhos, cimbalos nas mãos, ao som dos tambores e dos *sethares*».

Era tal a sua fé na missão que se propunha realizar que nem preguntou a si própria se seria feliz ou infeliz. O instinto era a sua força—obedeceu-lhe. A poesia envolvia-a de encanto, cedeu-lhe. Desembarcou na Inglaterra, com a sua bagagem de quimeras, os seus olhos lentos e dôces, a magia do seu sorriso e a ingenuidade de quem não conhece da existencia senão a experiencia dos contos de fadas. Que terrivel desilusão!

Toda a humidade, toda a frieza de Londres a envolveu como uma mortalha. Que frio na sua alma, pura como a de Raquel, e no seu corpo, branco como o de Ofelia! Num grito de amargura, exclamou:

—«Asia, sol, luz! Porque te abandonei?»

Era tarde para reparar o seu erro, porque os seus paes, a sua familia e a sua tribu consideravam-na proscrita para sempre. As suas dansas sagradas em que a sua figurinha, desabrochando em beijos e lirios, parecia animar-se como uma lampada que vem de longe para os olhos perdidos do crente que invoca Deus, ninguem as apreciava.

O publico era grosseiro. Os emprezários grosseiros tambem. Nem amigos, nem dedicações. Nem confidencias de paixão, nem abraços que prendem os corações com laços eternos. A Arte uma mentira, a Bondade uma outra muito maior.

Como sair do cativeiro londrino?

Lembrou-se de continuar a sua viagem—visitou a Irlanda, Paris, Roma, a ilha de Capri. Por toda a parte, a sua sêde de amôr e de emoções ternas ficou insaciada. A pouco e pouco, compreendeu que a felicidade é como as nascentes, as quaes só existem no sitio em que a natureza as colocou.

Porque deixou ela a sua querida e encantada Armenia?

Então a Asia que foi a mãe e educadora dos povos, há-de agora seguir o curso do sol e vir reeducar-se no meio daqueles que esqueceram as altas lições que lhes deu? Como era grande o seu crime! Quem lhe dera poder fugir á civilização que a chamara!

—«E' dificil a um europeu medir a profundeza das impressões dum asiatico».

Sofria, desvairava algumas vezes. No seu peito, havia tempestades que ninguem adivinhava.

Encontrou um russo que a conquistou com a perfeita seriedade duma afeição de homem e de artista. Trazia a morte consigo, porque a tuberculose cavava-lhe a sepultura. As suas nupcias seriam misticas.

Uma grande dama parisiense fingiu interessar-se por ela, acarinhando-a, amimando-a. Fugiu dos seus braços com asco, com horror.

Um dia convidaram-na a assistir a uma festa bem parisiense, com a promessa de que as suas dansas seriam apreciadas por gente fina e entendida. Que viu?

—«Algumas centenas de mulheres lindas, em camisa de banho, touca de dormir ás tres pancadas, *babouches* nos pés, apoiadas aos joelhos ou aos ombros dos homens com pyjamas. Risos, urros, assobios, palavras ternas, injurias, odores de comida e vinho».

Não podia mais. Vagueou uma noite inteira pelas ruas de Paris, fustigada pela chuva. Cerraram-se-lhe os horisontes de toda a esperança. Só lhe restou o do Nirvana—a paz do Nada.

Glaucias

MANOBRAS MARITIMAS

A proposta do major general da armada é aprovada pelo ministro da marinha

O sr. ministro da marinha aprovou a proposta do sr. major general da armada, para se organizar uma esquadrilha composta de «destroyers», sumersiveis e hidro-aviões para na proxima primavera proceder a varios exercicios para adextramento do respectivo pessoal.

CARVÃO
CARDIFF das minas do almirantado
"Insol's Cymmer (Merthyr Smokeless")
A' DESCARGA
Portuguese Corporation of Commerce Ltd.
Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º
Telefs. C. 5092, 5093, 5094
Londres—56, Ludgate Hill

Notas Mundanas

Veraneios elegantes

Sintra, 23 de agosto.

Meu bom amigo.—Sintra, a antiga estancia, que a côrte portuguesa tanto apreciava pela sua bela situação e aprazivel clima, tem estado movimentada, quasi todas as noites e, especial, aos sabados se reunem no magnifico club, estabelecido no antigo hotel Lauwrens, as principais familias da nossa sociedade elegante, aqui veraneando. No domingo realizou-se na praça de touros de S. João das Lampas uma brilhante garraiada, na qual tomaram parte distintos amadores, decorrendo sempre debaixo da maior alegria. Na assistencia via-se tudo que de melhor conta a nossa primeira sociedade actualmente aqui.

Para o proximo mês de setembro está em organização uma esplendida festa de caridade, cujo produto reverterá para a conclusão das obras que necessita a igreja de S. Martinho, a qual será levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade.

Fala-se tambem que um dos mais importantes industriais portugueses tenciona oferecer no proximo mês de setembro um grande baile para inauguração dos magnificos salões da sua esplendida residencia nesta vila.

Desculpe você o espaço que lhe tomo na sua secção, de belo jornal «O Diario de Lisboa» que aqui é muito lido e apreciado.

Creia-me seu amigo certo

Fernando.

Baptisados

Realizou-se há dias na igreja da Estrela o baptizado de um filhinho da sr.ª D. Adelaide Saramago Correia e do sr. dr. João da Silva Correia.

Serviu de madrinha a sr.ª D. Gina Gouveia Saramago e de padrinho o sr. Antonio Castanheira de Moura.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

Viscondessa de Asseca (D. Maria Rita), D. Maria da Assunção de Leite Perry de Sousa Gomes Cabral de Castro Osorio de Alarcão e D. Maria da Assunção da Franca (Marim).

E os srs.:

Joaquim Lobo de Avila e Robert Luís Reynolds.

—Passa hoje o aniversario natalicio da sr.ª D. Ema Dias da Silva, gentilissima filha da sr.ª D. Virginia Dias da Silva e do sr. João Eugenio da Silva.

Casamentos

Está oficialmente justo o casamento da sr.ª D. Maria Tereza da Cunha Côrte Real, gentil filha da sr.ª D. Ana Maria Rangel Vale de Sousa e Menezes Côrte Real e do general sr. Luiz Alberto Homem da Cunha Côrte Real, com o distinto oficial do exercito sr. Augusto Cesar Caiola da Mota, filho da sr.ª D. Guilhermina de Almeida Caiola da Mota, e do sr. Augusto Cesar Pereira da Mota, já falecido.

Em viagem

Vinda da sua casa de Stathbagie, em Inglaterra, está no Grande Hotel de Italia, no Monte Estoril, com suas filhas misses Kitty e Bunty e seus filhos Francisco e Jorge, a sr.ª D. Mary de Meyrelles Hamilton Gordon.

—No fim do corrente mez retira de Sintra para a quinta do Gradil, no Cadaval, onde se encontram sua sogra sr.ª marqueza de Pombal e seus cunhados, com sua filha, a sr.ª condessa de Oeiras.

—Partiu hoje no rapido para Vidago, com seu filho Raul, o sr. Antonio Belmar da Costa.

—Acompanhado de sua esposa sr.ª D. Carlota de Mendóça Cirne e de suas gentis filhas, partiu para a sua propriedade em Castanheira do Ribatejo o sr. José Cirne de Sousa Madureira.

—Em Cascais é esperado, com sua esposa sr.ª D. Maria Meuron de Araujo Rebelo de Andrade, de suas gentis filhas D. Maria Francisca, D. Maria de Lourdes e D. Maria e de seus filhos, o sr. Rui Rebelo de Andrade.

—Em Vidago é esperado no fim do corrente mês o sr. Antonio Ferreira Pinto Basto, que aí vai para acompanhar a Lisboa sua esposa a sr.ª D. Alice Ferreira Pinto Basto.

—Regressou ontem á Figueira da Foz o sr. dr. Antonio Couceiro Martins.

—Partiu do seu solar da Beira Baixa, para as Caldas da Rainha, com sua esposa o sr. Manuel Vaz Preto.

—Com sua esposa a sr.ª D. Edith Shaw Perestrelo, está na quinta das Gaeiras, o sr. João Perestrelo.

—De regresso do Bussaco, partiram para o Monte Estoril, o sr. Antonio Ferreira Marques e sua esposa a sr.ª D. Sara da Mota Vieira Marques.

—Em Cascais encontram-se com sua filha a sr.ª D. Loduvina Roquete Soares de Albergaria Diniz e seu genro o sr. Leopoldo Soto Maior Diniz, o sr. dr. Guilherme Monteiro Soares de Albergaria e sua esposa a sr.ª D. Sara Roquete Soares de Albergaria.

—Parte por toda esta semana para o Monte Estoril, onde se encontra seu filho o sr. D. Antonio Pereira Forjaz, a sr.ª D. Julieta Pereira de Sampaio Forjaz, sogra do nosso colega do «Correio da Manhã» e «Diario de Noticias», sr. Luís Trigueiros.

—Chegaram de Merida, Espanha, com sua gentil filha, o sr. Jorge Burnay e sua esposa a sr.ª D. Josefina Pacheco Burnay.

—Está em Cascais a sr.ª D. Izaura Roquete.

—Encontra-se nos Cucos, seguindo dali, dentro de alguns dias, para a sua propriedade dos Salgados, perto de Peniche, onde, se encontra seu marido, o sr. Francisco Gorjão Henriques, a sr.ª D. Sofia Pinheiro Gorjão Henriques.

—Está em Sintra o sr. Antonio Hintze Ribeiro, deputado da nação.

—Partiu hoje no «rapido» para a Curia o sr. José Horta Osorio.

—Partiu para as Pedras Salgadas, de onde seguirá para a Curia, Bussaco e Figueira da Foz, com sua esposa, a sr.ª D. Ilda de Magalhães Pedroso, o sr. Magalhães Pedroso.

—Para Torres Vedras partiu com sua esposa a sr.ª D. Maria de Castelo Branco Arantes e filhos, o distinto publicista sr. [illegible] Arantes.

—Partiu para o Bussaco o sr. Luís Rau.

—Partiu para a Curia o sr. Bernardo Horta e Costa.

Santos Amaral, Limitada
IMPORTADORES-EXPORTADORES
Escritorios:
RUA DE S. JULIÃO, 100
Armazem de vendas
RUA DA PALMA, 225-229
Oficina Eletrotecnica
RUA DE S.TA BARBARA, T. M. V.
Teleg.: SAMARAL | Telef.: (C. 958-Escritorio (C. L583-Armazem

SECÇÃO INDUSTRIAL
CONSERVAS DE PEIXE
Fabricas em:
Matosinhos, Nazaré, Cascais, Setubal, Lagos e Peniche
Secção de Importação e Exportação
Cereais, Cacáu, Café, Cortiça e Azeite —Folha de Flandres, Estanho, Chumbo e Arco de ferro—Adueia de Castanho :-:-:-:-:-: italiano :-:-:-:-:-:
SECÇÃO TECNICA
Maquinas e acessorios para todas as industrias
Tornos revolvers, Serras de fita, Cravadeiras, Limadores, Postos para soldadura autogenia, Difrenciais de parafuso sem fim e de engrenagem, Electricos, Dinamos, etc.
Material electrico,
Lampadas «Philips», Candieiros, Tubo Bergman, Fios, Porcelanas
Instalações de Força Motriz e luz
Descontos aos revendedores
Oficina especial para reparações de aparelhos electrotecnicos, Enrolamentos.
Materias primas, Oleos, Massas lubrificantes, Correias para transmissão, Tintas de esmalte e vernizes «E'clantin».
Aços especiais para ferramentas.
Consultas tecnicas, Instalações fabris, Orçamentos

PROVINCIAS

Em Coimbra

Romaria

Coimbra, 23

O dia de hoje trouxe a Coimbra uma concorrencia extraordinaria, por causa da romaria do Senhor da Serra e da feira anual de gados que no dia de hoje se realisou no Rocio de Santa Clara. Desde as ultimas festas da Raiuha Santa que nas ruas de Coimbra não circulava tanta gente. Muitos milhares de pessoas estacionaram na Avenida Navarro e visitaram os museus e monumentos. O comercio fez um negocio esplendido.

Crime de morte

Já foi descoberto o autor do crime do Chão do Bispo, onde foi assassinado o carreiro Mateus Marques. O assassino, Manuel Antunes, o «Sardinha», explica a sua atitude alegando que o Mateus tinha agredido o seu irmão, causando-lhe um ferimento. Os outros individuos que estavam presos foram restituidos á liberdade.

Raiva

A fim de se sujeitarem ao tratamento anti-rabico, vão seguir para Lisboa Ermelinda de Jesus, de 11 anos, de Anturzede, e Virginia da Conceição, de S. João do Campo. Foram mordidas por um cão raivoso que tambem mordeu varios animais da sua especie, na freguesia de Trouxemil.

Novo edificio

Começaram já os trabalhos da construção do grande edificio, na Couraça de Lisboa, destinado á séde do Centro Academico Democracia Cristã.

Em Santa Comba Dão

Um violento incendio

Santa Comba Dão, 22.

Esta madrugada manifestou-se um violento incendio no estabelecimento comercial de Maria Augusta, do bairro da Estação. A população desta vila e freguesias limitrofes foi alarmada pelo toque dos sinos, acudindo ao local do sinistro muito povo com toda a especie de vasilhas.

Os bombeiros voluntarios desta vila compareceram imediatamente, conseguindo isolar o fogo dos predios contiguos.

O edificio, que ardeu completamente, estava seguro da Companhia Minerva em 20 contos, e na Companhia Popular em 1 conto de réis.

Foi presa e conduzida á cadeia desta vila Custodia de Jesus, do Vimieiro, por ronbar uma peça de pano, na ocasião do incendio, tendo os seus captores evitado que ela fosse vitima das iras populares.

Em Armamar

Um novo jornal

Armamar, 22

Reuniu ontem a comissão municipal politica do Partido Republicano Português deste concelho, que entre outras deliberações resolveu fazer publicar um semanario que será orgão do partido neste concelho.

No proximo domingo e em nova reunião, será marcado o dia em que deve sair o primeiro numero.

De visita

De visita a seu cunhado sr. Antonio Pinto Guedes, escrivão de direito nesta comarca, encontra-se na freguesia de Foutelo com sua esposa e filhos, o sr. dr. Albano Maria Fernandes, ilustre professor do liceu da infanta D. Maria, de Coimbra.

Juiz de direito

No goso de licença retirou para a cidade do Porto o digno juiz desta comarca, sr. dr. Camilo Maria de Sá Pinto de Abreu Sotomaior.

Em Odemira

Uma desordem numa feira

Odemira, 22.

Na feira de Reliquias, deste concelho, que se realizou em 12 do corrente, foi agredido com pauladas Domingos da Costa, lavrador no Vale de Beja, freguesia de S. Luís tambem deste concelho, ficando bastante contuso. A autoridade investiga para a descoberta do agressor.

Nascimento

Deu á luz uma robusta criança do sexo feminino a sr.ª D. Madalena Calapês Correia, esposa do sr. Antonio Correia, alferes de infantaria 33. Mãe e filha encontram-se bem.

Um desastre

Ontem, no sitio do Corrego dos Cabaços, freguesia de Reliquias deste concelho, o menor Joaquim Antonio, de 6 anos de idade, filho de Manuel Antonio, daquele mesmo sitio, na ocasião em que tentava tirar agua dum poço com um caldeirão, perdeu o equilibrio caindo para o mesmo. Era já cadaver quando foi retirado.

Guarda republicana

Foi hoje instalada a secção da guarda nacional republicana nesta vila, tendo, pelas 13 horas, sido dada posse ao seu comandante, tenente sr. José Pedro de Matos, no respectivo quartel do posto, pelo comandante do batalhão n.º 7 da mesma guarda sr. João Augusto da Costa, que expressamente aqui veiu para este fim. A' posse assistiram as entidades oficiais e alguns cidadãos desta vila, que assinaram o respectivo auto. Em seguida, formou a força que compõe a mesma secção em frente do quartel, sendo-lhe lido, pelo mesmo sr. tenente-coronel comandante do batalhão, aquele auto de posse e apresentado o seu novo comandante, tendo este em seguida passado revista, seguindo-se depois a visita ás dependencias do quartel, finda a qual se dirigiram para a camara municipal, onde foi servido um delicado copo de agua oferecido pela comissão executiva, tendo falado em nome do seu presidente, sr. Antonio Fortunato Simões dos Santos, que se achava ausente, o chefe da secretaria sr. Joaquim da Silva Lemos, tendo tambem usado da palavra os srs. drs. Falcão Ribeiro, Ribeiro Nobre e Figueiredo Barbosa e o alferes de infantaria 33 sr. Antonio Correia, agradecendo ao sr. tenente-coronel os seus esforços para que a criação da secção fosse um facto e enaltecendo as qualidades do novo comandante da secção da guarda tenente sr. Matos, sobejamente conhecidas, os quais agradeceram.

O sr. tenente-coronel retirou para Evora.

Serviços judiciais

A inspecionar os serviços judiciais da comarca, encontra-se ha dias nesta vila o juiz da Relação de Lisboa sr. dr. Joaquim Augusto Alves Ferreira.

Exames

Pela professora oficial desta vila D. Octavia Marques Serrão foram levadas a exame de admissão no Liceu Fialho de Almeida, de Beja, as seguintes crianças, que ficaram aprovadas: Maria Augusta de Morais Palmeiro Santos, Noemia Fernanda Rodrigues de Morais, Fortunato Simões dos Santos e Antonio Jacinto Sabido Falcão.

Em Fafe

Gado queimado

Fafe, 22

Antonio Carvalho da Silva, que dá indicios de alienação mental, pegou o fogo numa córte de Antonio Joaquim Ferreira Mendes, de S. Gens, ficando algum gado queimado e morrendo um toiro.

Uma autopsia

Amanhã vae ser autopsiado nesta vila o cadaver de um infeliz, assassinado na freguesia do Monte por um proprietario. Ignoramos o nome do assassino e do assassinado.

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.º
N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

PORTUGAL PREVIDENTE
COMPANHIA DE SEGUROS
FUNDADA EM 1907
Capital UM MILHÃO DE ESCUDOS
BANQUEIROS:
BORGES & IRMÃO
Efectua seguros contra incendio e riscos de mar, roubo, postais, cristais, greves e tumultos, comoções politicas e populares, guerra civil, ACIDENTES NO TRABALHO e SOBRE A VIDA HUMANA.
Sede: Rua do Alecrim, 10---LISBOA
Delegação no Porto:
Rua Sá da Bandeira, 5, 1.º

Algarvia, L.da
Importadores e Exportadores
OLHÃO

Neves & Cruz
Importadores e Exportadores directos
SÉDE
Rua Ivens, 53
CONSERVAS E VINHOS
Filial em Anvers
RUE DES FORTIFICATIONS, 69, 1.º
Agentes no Congo Belga, Loanda e Benguela
(Produtos africanistas)

N.º 4 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 24-8-931

OS BELOS DIAS DE OUTUBRO

por LUCIE FAURE FAVRIER

II

—«Delicado»! chama ela, no fim dum instante.

«Delicado» não responde. Fica escondido sob a peliça. Lisa debruça-se, repetindo a chamada. E eis que sua mão toca em qualquer coisa bicuda e dura. Um chavelho. Outro. A armação dum veado! A cabeça. O corpo. O casaco de peles era um veado morto! O cheiro activo que dele se desprende teria bastado para revelá-lo. Lisa estava encostada a um cadáver. Credo!...

Credo!... Não é essa a opinião de «Delicado» que lambe a ferida do veado. Lisa ouve o estalido da sua lingua parecido com o «tic-tac» do relógio. Entretanto, a pequena reconstitue fácilmente o drama florestal. O sr. Huberto deve ter morto aquele veado na mata, no sitio de Ganay, e trouxe-o aqui para o esconder. O direito de caçar é muito complicado! Mas a pequena sabe bastante disso para adivinhar a verdade. Ela pensa:

«Ele era então caçador furtivo!»

Mas essa descoberta não altera a sua admiração pelo caçador. Póde-se mesmo dizer: pelo contrário!

Essa admiração datava já de seis mezes. Tinha começado numa manhã de Fevereiro daquele ano. Apenas curada dum sarampo ruim, Lisa aquecia-se em frente do «chalet» de seus paes, aos raios dum sol precoce, quando viu passar na clareira um caçador vestido exactamente como nos lindos cromos: altas polainas, casaco de veludo, uma cartucheira a tiracolo, um bolsa com franjas, e, por cima dum rôsto de nariz grande e olhos penetrantes, um chapeu tirolez enfeitado com uma pena de faisão. O caçador meteu a arma á cara, o tiro partiu com uma pequenina nuvem redonda, na ponta do cano da espingarda. Quando Lisa abriu os olhos, o caçador tinha desaparecido com a fumarada.

Tornou a vê-lo alguns dias mais tarde, quando, completamente restabelecida, passeava ao pé do «chalet». Debruçada á borda do valado, repreendia o «fox» que se espojava sobre o cadáver dum ouriço.

—Basta, «Delicado»! Deixa isso!

—Apezar de se chamar «Delicado», ele não é exquisito! disse uma voz sonóra.

Lisa ergueu-se e encontrou-se cara a cara com o grande caçador,—o que é uma imagem inexacta, porque na realidade a carita da pequena não passava além da cintura do homem.

—Póde banhá-lo á vontade, a esse «Delicado»! Há de cheirar a carne morta, por mais que faça.

Huberto Domer afastou o cão com a bota, e, servindo-se dum pau, cavou uma cova para o ouriço sobre a qual colocou uma pedra.

Foi assim que Lisa Catelin e Huberto Domer entraram em relações.

* * *

O médico tinha receitado á creança um longo repouso, uma vida vegetativa, na vizinhança de pinheiros. Barbizon tinha sido escolhido e a vila «Abrigo», na orla do bosque, foi alugada até Outubro. Logo em Março, Lisa, córada, percorria a floresta, seguida do seu «fox». Madame Catelin, que detestava o campo, deixava o «Abrigo», sob o menor pretexto, e vinha a Paris ajudar o marido no seu comercio. Lisa ficava sósinha com a creada. Esta, que estava apaixonada pelo merceeiro de Chilly, não pensava senão em dar, com seu namorado, ternas passeatas no carro de toldo que continha comestiveis variados.

Lisa percebeu depressa que a creada se divertia, como dizia Madame Catalin, nos seus momentos de cólera.

—Escuta, Georgina, não direi nada das tuas ausencias. Mas, em troca, não hás de revelar á mamã que sáio do jardim.

O pacto ficou concluido. Quando sua mãe estava em Paris, Lisa ia cada dia, em companhia do caçador e dos cães, dar passeios maravilhosos.

Huberto Domer, solteirão, não gostava de creanças. Mas esta pequena era tão amoravel, tão natural!... Ele tinha tomado informações a respeito dos paes: burguezes recentes, novos-ricos, cuja fortuna tinha centuplicado, durante a guerra e que, todavia, acabavam de fazer a sua primeira despeza louca, alugando o «Abrigo», a mais bonita vila da terra.

Um dia, Lisa disse ao seu amigo:

—Sabe a razão por que me não pareço com meu pae?

Huberto Domer, admirado, esteve quási a responder:

—Ignoro-o. Misterios da vida e da sorte...

Mas deante do olhar ingenuo da creança, dispôz-se a ouvi-la.

—E sabe de quem sou o retrato?

Huberto ria-se.

(Continua).

NO ESTRANGEIRO

AS OPERAÇÕES EM MARROCOS

No primeiro combate junto de Melilla morreram 14.712 soldados

Os mouros estão concentrando grandes forças em Nador

Para o estabelecimento de "blockaus' a fim de proteger as comunicações com Zoco-el-Hach, deu-se um encontro importante com os rebeldes

MADRID, 24 — Foi confirmado oficialmente que morreram 14712 soldados espanhois no primeiro combate travado em torno de Melilla. E' ainda desconhecido o numero certo dos desaparecidos. Foi igualmente confirmada a perda de 29540 espingardas de sistema espanhol e de 392 metralhadoras.

MELILLA, 24.

Os mouros assassinaram o colono José Alchidrian, proprietário de grandes extensões de terreno em Monte Arruit.

Uma coluna ligeira fez uma viagem de exploração na direcção de Atalayon, sendo rudemente atacada pelos mouros.

Sabe-se nesta praça que os mouros concentram grandes forças em Nador, esperando a chegada de Abd-el-Krim.—(U. P.)

MELILLA, 24.

Para se estabelecerem «blockaus» que protegessem as comunicações com o Zoco-el-Hach, realizou-se uma operação energica com duas fortes colunas, que causaram aos rebeldes numerosas baixas. Na acção intervieram com exito «camions» blindados e a esquadrilha de aeroplanos.

Na posição de Cabo de Agua e n'outras, houve pequenos tiroteios sem importancia.—(U. P.)

Em Malaga realiza-se, com exito, "o dia da oferta" para os soldados combatentes

MALAGA, 24.

O dia da oferta para os soldados combatentes de Africa, deu os melhores resultados. As mezas, colocadas no centro da cidade e nos bairros exteriores para receber donativos, estavam presididas por meninas da melhor sociedade de Malaga. Os transeuntes deram grandes quantidades de tabaco, latas de conservas, garrafas de vinho e roupas. As tabacarias exgotaram os seus fornecimentos.—(U. P.)

E' desmentida a noticia de ter sido evacuada a região de Penon de Velez

MADRID, 24.

O sr. Maura despachou com o rei, informando-o dos ultimos acontecimentos de Marrocos.

O ministro da Guerra forneceu uma nota á imprensa, desmentindo a evacuação de Peñon de Velez e de que estejam cortadas as comunicações de Tetuan com vários pontos da zona ocidental.

São enviados a Melilla todos os cirurgiões necessários para o serviço do exercito. Chegou a Malaga o navio-hospital «Alicante», conduzindo 220 doentes e feridos. Em Cadiz embarcaram no vapor «Delfim» para Larache, 600 soldados do batalhão de Bailén. Amanhã embarcarão os restantes n'outro vapor. A'manhã embarcará tambem para Melilla, a bataria da guarnição de Cadiz.—(R.)

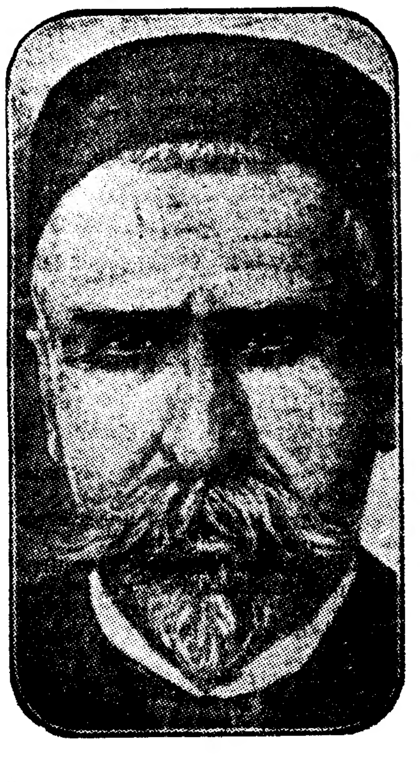
PREVENDO UMA CALAMIDADE?

A FRANÇA VAI TOMAR MEDIDAS ENERGICAS PARA QUE AS EPIDEMIAS DA RUSSIA NÃO SE PROPAGUEM NO SEU TERRITORIO

UMA INTERESSANTE ENTREVISTA COM O SR. DR. ROUX, ILUSTRE DIRECTOR DO INSTITUTO PASTEUR DE PARIS

"A primeira medida a pôr em pratica é não deixar passar a fronteira nenhum individuo sem ser devidamente desinfectado"

Todas as vezes que uma doença de caracter epidemico, como o colera e a peste, se têm declarado com intensidade numa determinada região, os habitantes de todo continente tremeram de receio e raras vezes deixaram de ser mais ou menos visitados por ela. Lembrame-nos todos da epidemia da pneumonica que grassou em toda



Dr. Roux

a Europa e que chegou mesmo a America; anda na memoria dos povos as pavorosas hecatombes da Idade Media e de todos os tempos até hoje, em que milhões de criaturas sucumbiram á peste, ficando desertas ruas, vilas e cidades quasi por completo.

De todos os flagelos que assoberbam a Russia as epidemias de tifo, da colera e de peste são as que mais cuidado inspiram á Europa. A fome não ultrapassa as fronteiras; mas poderão todas as precauções sanitarias das fronteiras impedir que o mal contamine as nações limitrofes e de aí se propague a toda a Europa?

Parece que estes receios deixaram de ter razão; assim o afirmou o dr. Roux, director do Instituto Pasteur de Paris.

Cedemos a palavra ao grande sabio:

—As epidemias da Russia devem ser cuidadosamente vigiadas nas fronteiras; as duas nações que mais ameaçadas estão são a Alemanha e Polonia; a nós, pertence auxiliá-las quanto em nós couber para as ajudar a debelar o mal.

«A principal medida a pôr em pratica é não deixar passar a fronteira a nenhum individuo cujo asseio não tenha sido préviamente bem verificado e os fatos bem desinfectados. Esta medida é de realização bastante dificil hoje que milhares de fugitivos invadem a Polonia.

Com efeito, nessas medidas de asseio, bem podemos chamar-lhe assim, se resume todo o cuidado suficiente para nos evitar ou nos libertar do mal de alguns casos que viessem a dar-se. Os casos de peste e de tifo que se deram ultimamente na Europa Ocidental provam que já estamos perfeitamente armados contra eles; basta desembaraçar das pulgas o doente atacado de peste e dos piolhos o atacado de tifo para que deixem de ser um perigo para os que se lhe aproximam.

Contra o colera ha uma arma igualmente eficaz: a vacinação que já deu provas no exercito grego, romano e francês do Oriente.

Se não é tão facil pôr em pratica a vacina preventiva contra o tifo é porque o «sorum» deste só pode obter-se, por enquanto, dos proprios tifosos. Mesmo assim logo que a epidemia se declare, ela propria nos fornecerá meios eficazes para a combater.

Em caso de necessidade pôr-se-há em pratica o sistema D, que sempre deu resultados nestas ocasiões e que consiste em enviar aos logares contaminados um homem com todos os poderes para combater a epidemia.

Os mais perigosos de todos os males não são os acidentes como o tifo ou a peste; são a sifilis, a tuberculose, a mortalidade infantil contra os quais se não tomam medidas, mas que têm causado e continuarão a causar mais mortes com a sua acção continua e persistente do que todas as epidemias cujos nomes aterram.

Estas doenças é que deviam alarmar e provocar as medidas mais energicas.

DE BERLIM

A importancia do imposto lançado sobre os negocios sobe a 25 biliões de marcos

BERLIM, 24.

A nova lei referente ao imposto sobre a cifra de negócios, exclue de pagamento os produtos importados, porém, agrava as primeiras transacções, imediatamente depois da importação, assim como a reexportação, se fôr realizada pelo fabricante e não pelo exportador. O ministro da Fazenda alemão calcula obter deste imposto uma importancia global de 25.000.000:000 de «marcos».—(H.)

DOS ESTADOS UNIDOS

Wilson não representará a America na conferencia do desarmamento

WASHINGTON, 24.

Desmente-se o boato de que o ex-presidente Wilson ia ser nomeado para representar os Estados-Unidos na próxima Conferencia do desarmamento. Não há intenção de nomear o ex-presidente para qualquer cargo oficial.—(U. P.)

O conflito com a Costa Rica

NEW YORK, 24.

Uma esquadra americana foi enviada ao Panamá para apoiar a nota mericana que solicitava a imediata evacuação dos territórios que pertencem á Costa Rica.—(R.)

A INDUSTRIA BRITANICA

A Inglaterra fornece metade da população europeia de carvão

Um quadro comparando as produções de 1913 e de 1920

Devido ás ultimas greves mineiras durante o ano corrente, a Gran-Bretanha deveter produzido muito menos que nos anos anteriores

LONDRES, 24.

As greves mineiras que a Inglaterra sofreu no principio do ano, tiveram uma repercussão consideravel na industria britanica e no abastecimento de combustivel de certos paizes importadores. A importancia das ditas greves põe-nos de prevenção ante o facto de que a produção britanica alcança a metade da produção europeia. O seguinte quadro, compara em milhares de toneladas, as produções de antes da guerra e do ano ultimo, dos principaes produtores europeus:

Paizes	*1913*	*1920*
Inglaterra	287:430	229:532
Alemanha	188:433	129:236
França	40:187	34:156
Russia	33:206	5:850
Belgica	22:474	22:053
Austria	16:195	132
Hungria	1:042	—
Tcheco Slovaquia	—	10:951
Espanha	3:961	5:281
Holanda	1:843	3:876
Suecia	308	415
Polónia	—	5:986
Turquia	716	700

Supondo que emquanto os Estados que a guerra fez desaparecer, a produção europeia de 1913 subiu a 596:000 toneladas, contra 448:000 no ano de 1920. Como a Grã-Bretanha extraiu sómente 229:532 toneladas, infere-se que figura no total, com mais de metade da produção. Mas em consequencia das ultimas greves, a cifra de 1921 será inferior.

DE LONDRES

A questão da ilha Yap

LONDRES, 24.

O «Times» diz ter motivos para acreditar que a questão da ilha de Yap será resolvida antes da reunião da Conferencia de Washington, e que é possivel que a questão de Chantung seja colocada na ordem do dia da Conferencia.—(R.)

A agitação indiana

LONDRES, 24.

Como resultado da agitação indiana, alguns grupos de descontentes no Sul da India, levantaram as linhas do caminho de ferro e cortaram os fios telegráficos.—(R.)

Passaporte para França

LONDRES, 24.

O prazo para se obterem passaportes e vistos para França foi reduzido de quarenta e oito horas para quinze minutos.—(R.)

Um fogo num hotel

LONDRES, 24.

Ficaram queimadas vinte pessoas no fogo que destruiu o hotel «Brown», uma antiga hospedaria em Maucon, Georgia.—(R.)

A TARDE PARLAMENTAR

O chefe do governo faz declarações sobre o contrato dos 50 milhões de dollars

O sr. Vasco Borges ataca o Ministro das Finanças — "Reputo inconveniente, para os interesses do país, trazer á Camara, neste momento, tal como está, o contrato dos 50 milhões de dolars" — diz o sr. Barros Queiroz — A's 14 e 30 a confusão é enorme — Serenaram os animos ás 16 horas — No Senado foram aprovadas sem discussão três propostas apresentadas pelo sr. ministro dos estrangeiros sobre convenções internacionais

A' hora regimental, o sr. ministro do Interior é o unico membro do governo que ocupa a bancada azul. Traz hoje um cravo desmaiado na lapela—o que indica boa disposição no sr. general Abel Hipólito. Aquela história da proposta de lei que foi parar a uma casa de ovos da praça da Figueira, ainda lhe está encravada na garganta. O deputado liberal sr. Sousa Varela, demorou-se hoje algum tempo a conversar com o sr. ministro do Interior. Alguem quiz supôr que lhe estava dando explicações sobre o caso da proposta. Mas o que têm os ovos com a caixa de aposentações da policia?

* * *

A's 13,30 está no uzo da palavra o sr. ministro do Interior, que, em negócio urgente, informa a Camara sobre os acontecimentos que se passaram no Alentejo, por causa do preço do pão. O sr. Plinio Silva, que fala em seguida, atribue mais uma vez, ao governo, a responsabilidade desses factos, que reputa de gravidade. O sr. ministro do Interior volta a falar, e diz que a tática do sr. Plinio Silva é muito bem conduzida mas não póde atingir o governo. No fundo, é uma ofensiva de rosas, que termina por um armisticio verbal.

* * *

O sr. Costa Amorim fala hoje pela primeira vez, na Camara. Refere-se á aplicação do imposto «ad valorem» no distrito de Vila Real. Dois deputados cumprimentaram afectuosamente o sr. Costa Amorim, quando este terminou o seu discurso.

Volta a falar o sr. ministro do Interior, muito baixinho. A Camara dorme. Só está acordado o sr. Costa Amorim.

* * *

A nota sensacional da sessão de hoje. O sr. Vasco Borges diz á Camara que a divisa cambial entrou ontem na casa dos 5. Avizinha-se, porventura, uma calamidade nacional. Porque não faz o governo aquilo que tem obrigação de fazer, uma vez que tem o apoio da maioria? A informação que veiu a lume na *Imprensa da Manhã*, posta na bôca do chefe do governo, de que nada havia a esperar do contracto dos 5 milhões de «dollars», é o bastante para alarmar o paiz. E' necessário esclarecer as responsabilidades das pessoas que negociaram o contracto—afirma o sr. Vasco Borges. Ele, orador, não póde acreditar que a alta competencia financeira do sr. dr. Afonso Costa, tivesse falido nas negociações do contracto.

(*A Camara consente que o sr. Vasco Borges continue no uso da palavra*).

«Alguma coisa há de enigmático, de misterioso, á volta desse contracto». O sr. Vasco Borges pregunta ao sr. ministro das Finanças:

1.º—Porque motivo, tendo sido assinado o contracto dos 50 milhões de «dollars», o governo não fez, logo a principio, expontaneamente, essa declaração ao paiz?

2.º—Se o governo não veiu declarar á Camara que o contracto tinha sido assinado, por não o julgar oportuno, que motives teve para o fazer?

3.º—Uma vez assinado o contracto, porque não o efectiva?

«Esta ultima pregunta—continua o sr. Vasco Borges—só póde ter uma resposta. O sr. ministro das Finanças deve trazer á Camara esse contracto.

* * *

Fala agora o chefe do governo. Há grande interesse em ouvir as suas palavras. Faz-se silencio na Camara.

«Dentro desta Camara não há ninguem que não tenha pelo sr. dr. Afonso Costa a máxima consideração. O governo deu-lhe plenos poderes para assinar o contracto, mas não alienou a parte que lhe compete nas responsabilidades. Reputo inconveniente para os interesses do paiz, trazer á Camara, neste momento, tal como está, o contracto dos 50 milhões de «dollars» e a correspondencia que lhe diz respeito».

* * *

Volta a falar o sr. Vasco Borges. A Camara vae aquecendo, á medida que o orador aquece.

Algumas frases:

«Uma coisa é S. Bento e outra é o largo de S. Domingos. Ali, póde o sr. presidente do ministerio responder como quizer aos seus empregados, mas em S. Bento sou eu que exijo que responda concretamente ás minhas preguntas».

A Camara agita-se. A direita avança para a esquerda. O sr. Alves dos Santos, que está na presidencia, no meio da agitação, deixou cair a campainha. O sr. Vasco Borges, agitado, trémulo, colérico, continua no uzo da palavra, em meio de grande balburdia. Ouve-se a voz do sr. Alves dos Santos:

—V. Ex.ª não póde continuar nessa atitude, senão vou-me embora.

O sr. Vasco Borges afirma ainda, por entre os «não apoiados» da maioria:

—A maioria não concorda, porque há uma grande distancia entre mim e a maioria.

A's 14,30, ninguem se entende. O sr. Alves dos Santos suspende a sessão. Durante o intervalo, o sr. dr. António Granjo conversa animadamente com alguns deputados da minoria. Pouco depois, aproxima-se da bancada azul e diz ao chefe do governo:

—Deixe lá... Está tudo arranjado... Já estive a conversar com eles...

* * *

A's 14,50, o sr. dr. Jorge Nunes reabre a sessão. Serenaram os animos. O sr. Vasco Borges continua a falar. Tem esta frase:

—O chefe do governo é um homem de carácter, um excelente cidadão e um assinalado republicano.

E logo a seguir:

—Mas por muito benévola que tenha sido a oposição, não se lhe póde exigir que se proponha acolitar a politica do governo. Se a divisa cambial baixar ámanhã, em virtude do que hoje aqui se passou, essa baixa será ainda devida ao segredo que o governo põe em assuntos financeiros.

* * *

O sr. ministro das Finanças está sempre disposto a acatar uma indicação que lhe faça a Camara, mas nunca está disposto a aceitar a intimação de um deputado, qundo considere a resposta prejudicial ao paiz. E' possivel que na praça se faça uma campanha para que não seja aprovada a proposta que regulamenta a compra de cambiaes para o comercio e para a industria.

O sr. Vasco Borges:—V. Ex.ª está em contradição com as declarações que fez nesta Camara.

O chefe do governo:—Disse e repito. Não se regulam cambios com decretos. A minha proposta não se refere aos cambios, pretende regulamentar o exercicio duma industria. Afirmo, mais uma vez, que o contracto dos 50 milhões de «dollars» não póde ser dado como liquidado, porque ainda continua em negociações. Se o Parlamento estiver adiado, na altura em que fôr concluido, convocá-lo-hei extraordináriamente para lhe apresentar o contracto. Todas as discussões feitas em volta desse contracto não fizeram mais do que prejudicar o Estado e agravar os cambios. O cambio talvez não tivesse descido tanto, se o presidente do ministerio não tivesse sido forçado a fazer as poucas declarações que fez.

«O que se lhe atribue na *Imprensa da Manhã* é a falta de esperança no contracto, o que ainda é um pensamento mal interpretado pelo próprio jornalista. E V. Ex.ª, que é jornalista, deve saber...

O sr. Vasco Borges:—Quando muito, jornalista miliciano...

O chefe do governo:—...Como é dificil a um jornalista traduzir o pensamento do entrevistado.

* * *

O sr. Vasco Borges dá um conselho ao chefe do governo, apezar da diferença de edade:

—O presidente do ministerio deve recusar-se sistemáticamente, a falar fóra do Parlamento.

E dá-se por finda a tempestade, o sr. Barros Queiroz tropeçou hoje, na Camara, mas não chegou a cair...

* * *

O sr. Paulo Menano propoz uma emenda ao projecto de lei que estipula as represalias a adoptar para com os paises que não permitem a entrada dos vinhos do Douro. Sustituiu apenas uma frase.

* * *

O sr. Carvalho da Silva ocupa-se largamente das taxas da proposta de lei das contribuições predial e industrial. A' medida que fala vai bebendo inspiração de um copo de agua que tem na sua frente.

* * *

O sr. Plinio Silva teve uma larga conversa com o sr. Antonio Maria da Silva. O primeiro defende a apresentação duma moção de desconfiança ao governo, como se disse. O sr. Antonio Maria da Silva mostra-se mais contemporisador.

* * *

A's 16 e 45 entra em discussão a proposta de lei sobre a contribuição industrial. Iniciam o debate o sr. presidente do ministerio e o deputado monarquico sr. Carvalho da Silva, travando-se entre ambos um dialogo acalorado.

NO SENADO

Devem ficar votados os duodecimos

Hoje não há animação, nem nos Passos Perdidos, nem nas galerias publicas e reservadas, nem nos corredores. A's 15 horas ainda não há numero para se fazerem votações.

A' sessão preside o sr. Augusto Barreto, secretariado pelos srs. Mendes dos Reis e Sá Viana.

Do governo os srs. ministros do interior, justiça e estrangeiros.

Acta aprovada por 31 legisladores e expediente com o devido destino.

O sr. Julio Maria Baptista dá explicações sobre o motivo porque votou contra a aprovação da lei, que manda reintegrar no exercito o ex-tenente coronel sr. Vanzeler.

O sr. Correia Barreto requer urgencia, o que é aprovado, para a imediata discussão do projecto de lei relativo á restauração das armas portateis (carabinas, espingardas, metralhadoras, etc.) o qual traz bastantes economias ao paiz.

Convenções Internacionais

O sr. ministro dos negocios estrangeiros (Melo Barreto) requer urgencia e dispensa do regimento para as seguintes propostas de lei:

«Aprovando, para ratificação, o acordo assinado entre Portugal e os Estados Unidos, renovando e mantendo em vigor, por um novo praso de cinco anos, a convenção de arbitragem entre os dois paizes.

«Aprovando, para ratificação, o acordo entre Portugal e a Gran-Bretanha, sobre o regime das capitulações no Egito.

«Aprovando, para ratificação a declaração conjunta de Portugal e da Espanha relativamente ao regime das capitulações na zona de influencia espanhola em Marrocos.»

Mais uma autorização ao governo

O sr. Catanho de Meneses pede urgencia e dispensa do regimento para a seguinte proposta de lei:

«Artigo 1.º—E' o governo autorisado a decretar as providencias necessarias sobre a compra e venda de cambiais.

Artigo 2.º—Fica revogada a legislação em contrario.»

Aprovados: urgencia, dispensa e o projecto.

Os torpedeiros ex-austriacos

Partiu hoje para Veneza, onde vai buscar os dois restantes torpedeiros ex-austriacos cedidos pelos aliados a Portugal, o navio de guerra «Patrão Lopes».

Além-mar

A reforma geral do ensino primario em Moçambique

O director geral de Instrução Publica de Moçambique, sr. Heitor Passos, foi encarregado pelo Alto Comissario daquela provincia, de percorrer toda a colonia, a fim de colher os elementos para a reforma geral de ensino publico que o mesmo director foi incumbido de elaborar.

Porto e caminho de ferro de Lourenço Marques

Foi nomeado inspector do movimento da direcção do porto e caminho de ferro de Lourenço Marques o sr. Antonio Fernandes.

Associação Comercial de Inhambane

Foram aprovados os estatutos da Associação Comercial de Inhambane.

Foi nomeado administrador do concelho de Lourenço Marques o sr. Amadeu Quaresma

O Alto Comissario em Moçambique, nomeou o sr. Amadeu Quaresma, administrador do concelho de Lourenço Marques, substituto do director da Policia Judiciaria, tendo recusado o visto a essa nomeação o Conselho de Finanças da provincia

O sr. Brito Camacho demite um 2.º oficial de fazenda por desobediencia

O Alto Comissario em Moçambique demitiu do lugar de 2.º oficial de fazenda, o sr. Alfredo de Almeida Vidal, por se ter escusado pela quarta vez a seguir de Lourenço Marques para Membu, onde estava colocado.

MINISTRO DO COMERCIO

As corporações e as entidades que ámanhã serão recebidas pelo sr. Fernandes Costa

O sr. ministro do comercio deve receber ámanhã, a direcção da Associação dos professores das escolas industriais e comerciais, a Associação de classe dos manufactores de tecidos, e os srs. almirante Macedo e Couto, presidente do conselho de administração de marinha mercante nacional e dr. Camara Reis, director interino da Biblioteca Nacional.

TRIBUNAL DE DEFESA SOCIAL

Não se conhece ainda o resultado dos julgamentos de hoje

Reuniu hoje, em Campolide, o tribunal de defesa social, sob a presidencia do sr. dr. Joaquim Crisostomo, sendo vogais os juizes srs. drs. Barbosa Viana e Ferreira de Sousa, para julgar diversos homens e mulheres, acusados de vadiagem e de terem praticado atentados dinamitistas.

Foram adiados, por falta de testemunhas, doze julgamentos. A' hora do nosso jornal entrar na maquina, o tribunal continua nos seus trabalhos, não tendo ainda sido proferida nenhuma sentença.

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	48$00	49$00
s|Londres cheque	6 1|8	6 0|0
» 90 d. v.	6 1|4	—
Rio s Londres	7 7|8	—
s| Paris	822	840
s| Italia	455	465
s| Belgica	809	793
s| Suissa	1806	1844
s| Espanha	1378	1407
s| Berlim	124	127
s| Holanda	3310	3380
s| Nova York	10690	10900
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1|2	—
» » » Portugal	7 1|2	—
Agio do ouro	850	900

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s|Paris	28,42
» s|Londres	59,80
» s|New-York	7,77
» s|Berlim	8,75
Paris s|Londres	47,64
» s|Madrid	168,00
» s|Genebra	219,75
» s|Berlim	14,75
Londres s|Paris	47,625
» s|Roma	87,75
» s|New-York	3,66
» s|Berlim	3,9
» Amsterdam	11,84
» s|Genebra	21,675
» s|Belgica	—
» s|Suecia	—
» s|Austria	—

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—A's 21,15—«Rogerio Laroque».
S. LUIZ—A's 21,30—«De capote e lenço».
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
APOLO—A's 21,30—«A' procura do badalo».
AVENIDA—A's 21,30—«Guardado está o bocado...».
POLITEAMA—A's 21,30—«Amor perfeito».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
SALÃO FOZ—Fechado.
COLISEU DOS RECREIOS—Fechado.